

METROPOLITANA

SETUBAL
MUNICÍPIO PARTICIPADO

LUÍSA TODI
FÓRUM MUNICIPAL

TEMPORADA
OAM
2019 | 2020

ORQUESTRA ACADÉMICA METROPOLITANA

PHILIP GLASS A LUZ

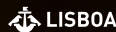
SÁBADO 21 DEZEMBRO - 21H00
FÓRUM MUNICIPAL LUÍSA TODI, SETÚBAL

Jean-Marc Burfin

e/ou Alunos do Curso de Direção de Orquestra da ANSO Direção Musical

Obras de Fauré e Glass

FUNDADORES



PATROCINADOR
PRINCIPAL



PATROCINADORES



PHILIP GLASS

A LUZ

Gabriel Fauré (1845-1924)

Pavane, Op. 50 (1887)
(duração aproximada: 7 min.)

DIREÇÃO MUSICAL **ANTÓNIO NOVAIS**

Aluno de Direção de Orquestra da Academia Nacional Superior de Orquestra (ANSO)

Gabriel Fauré

Suíte da música da peça teatral *Pélleas et Mélisande*, Op. 80 (1898; rv. 1909)
(duração aproximada: 17 min.)

- I. *Prelúdio: Andante molto moderato*
- II. *A fadeira: Andantino quasi allegretto*
- III. *Siciliana: Allegretto molto moderato*
- IV. *A morte de Mélisande: Molto adagio*

DIREÇÃO MUSICAL **TIAGO SILVA**

Aluno de Direção de Orquestra da Academia Nacional Superior de Orquestra (ANSO)

Intervalo

Philip Glass (n. 1937)

A Luz (1987)
(duração aproximada: 24 min.)

DIREÇÃO MUSICAL **MIGUEL SEPÚLVEDA**

Aluno de Direção de Orquestra da Academia Nacional Superior de Orquestra (ANSO)

Fotografia da Condessa Elisabeth Greffulhe - 1895 | Fonte: Wikimedia Commons



A «PAVANE» DE FAURÉ

Composta em 1886, a «Pavane» de Gabriel Fauré conserva ainda hoje um efeito encantatório. Isso deve-se à combinação da simplicidade melódica com uma cadência rítmica pesada, juntamente com uma orquestração requintada e extremamente sóbria. Pelo meio destaca-se uma seção contrastante que realça a solenidade e a afetação emotiva prevaletentes. Por fim tudo esmorece num sopro de flauta.

Gabriel Fauré nasceu em 1845 no Sul de França, numa pequena localidade próxima dos Pirinéus. Estudou, porém, em Paris, com o compositor Camille Saint-Saëns, numa instituição de ensino vocacionada para a formação de músicos especializados em música sacra. Não se estranha,

portanto, que a sua obra mais conhecida seja «o» *Requiem*. Apesar disso, Fauré não era uma pessoa particularmente religiosa, pelo que, para lá de ter trabalhado como organista e diretor musical de algumas das principais igrejas de Paris, desde cedo se fez notar nos salões mais elegantes da cidade através das inúmeras canções que escreveu. Ao longo de toda a sua vida, manteve uma convivência muito próxima com a alta sociedade da capital francesa. Essa relação esteve na origem da célebre «Pavane».

A Pavana era uma dança corrente nas cortes espanholas do período da Renascença – o seu nome terá sido inspirado na postura que o pavão exhibe na extravagância da sua cauda. Já em 1886, e com os olhos postos no passado, Fauré recorreu a essa mesma elegância e altivez para compor a música de uma Pavana – que se destinou a ser tocada ao piano,

primeiro, e depois pela orquestra. Expressou assim a sua reverência por uma figura feminina que se destacava na elite social parisiense da época, à qual chamava «Madame ma Fée» (minha fada). Tratava-se da Condessa Élisabeth Greffulhe, a mesma mulher que terá inspirado o escritor Marcel Proust para construir a personagem Duquesa de Guermantes de *Em Busca do Tempo Perdido*. Deste modo, esta composição de Fauré pode ser entendida como retrato musical de uma verdadeira musa. Existe, ainda, uma adaptação para orquestra e coro que o próprio compositor estreou pouco tempo depois, com versos evocativos do sofrimento romântico. Esta última versão também é, por vezes, dançada por companhias de bailado, mas em ocasiões relativamente raras.

«PELLÉAS ET MÉLISANDE» DE FAURÉ

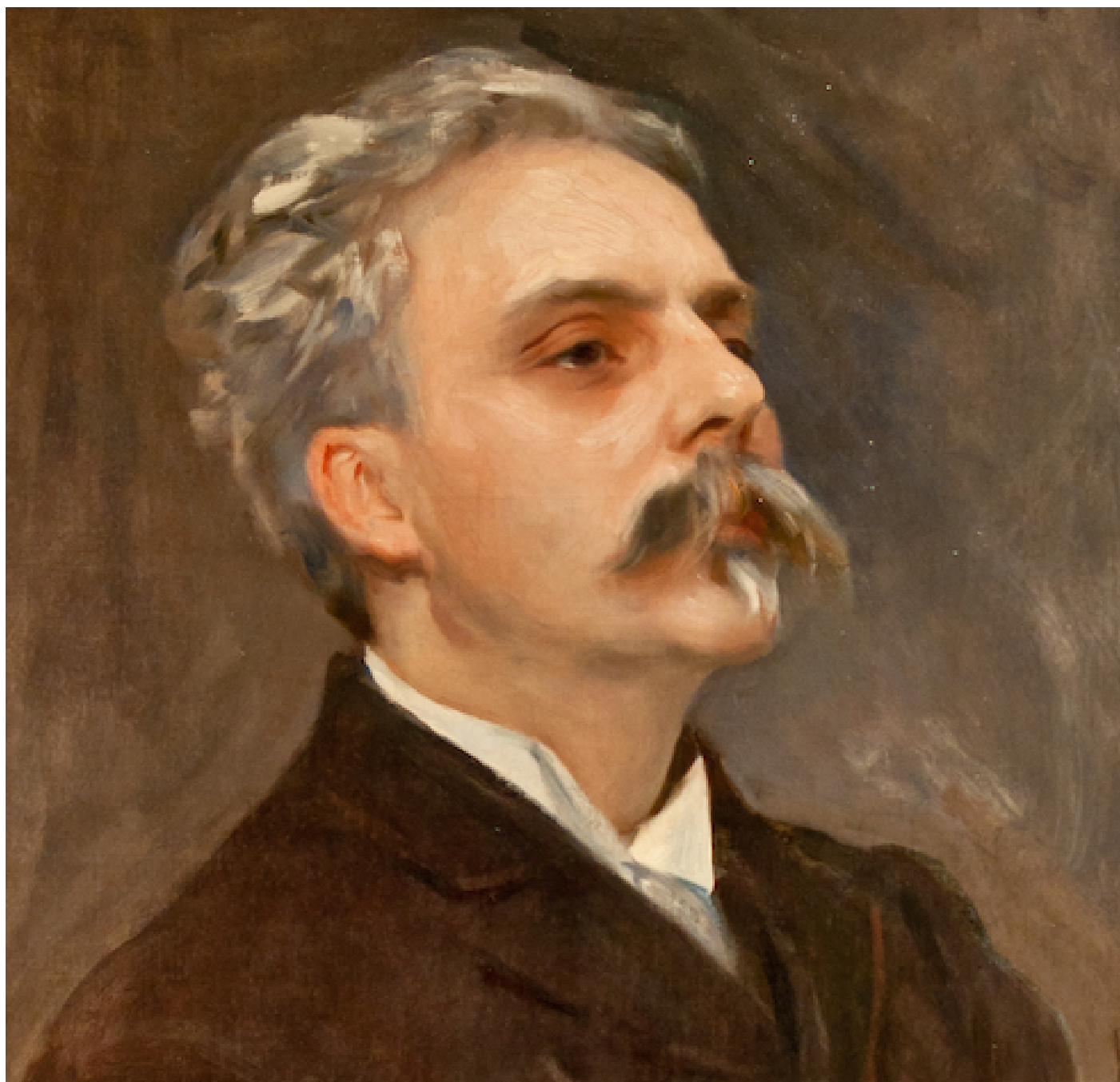
Em 1898, o compositor francês Gabriel Fauré compôs a música de uma produção inglesa de *Pelléas et Mélisande*, a peça teatral simbolista de Maurice Maeterlink cujo enredo vagueia por múltiplas variantes do fatalismo amoroso. Já em 1909, quando reuiu a partitura, a suíte orquestral adquiriu o formato que conhecemos hoje, já com a famosa *Sicilienne*, onde se ouve uma das mais belas melodias de sempre.

Como compositor, Fauré distinguiu-se pela qualidade de nunca ter seguido as modas da época. Desenvolveu, por isso, um estilo próprio que não necessitava de

recorrer a grandes ostentações para fazer sobressair a beleza das suas melodias, das suas harmonias, das suas ideias. Essa contenção não impede, porém, que por detrás de uma falsa apatia se escondam recursos de escrita complexos e extremamente elaborados, mas sempre ao serviço de uma música tendencialmente introvertida que convida a uma escuta focada e intimista.

Na última década do século dezanove Fauré era frequentemente convidado para dar a ouvir a sua música em Londres. Surgiu então a oportunidade de escrever dezassete curtas peças para pontuar o drama *Pelléas et Mélisande*. Na suíte escutam-se quatro delas, sendo que a mais célebre, a *Sicilienne*, tinha sido originalmente escrita para violoncelo e

piano, em 1893. Mas antes disso, ouve-se o prelúdio que aparecia no primeiro ato, uma melancolia de maus prenúncios que permitia antecipar a ambiência de todo o enredo. Depois «A fiadeira», que dava início ao terceiro ato – Mélisande, casada com Goulad, falava com Pelléas enquanto fiava. A *Sicilienne* abria o segundo ato, o momento do encontro romântico entre Pelléas e Mélisande ao som de uma beleza melódica invulgar. Por sua vez, o último ato iniciava com a quarta peça desta suíte, quando Mélisande morre ao dar à luz. Desvenda-se aí todo o mistério enleado pelas conveniências sociais. Por sinal, esta peça foi tocada nas cerimónias fúnebres do compositor.





Philip Glass em 2008

«A LUZ» DE PHILIP GLASS

A música e a ciência partilham entre si o mistério do conhecimento. Houve tempos em que mantinham uma relação tão estreita que não se distinguiam. Depois, a orientação estética da obra artística conduziu a um afastamento. Mas a relação permanece. Philip Glass tem cruzado os dois universos em diversas ocasiões ao longo da carreira. As mais conhecidas resultaram nas óperas *Einstein on the Beach* (1975) e *Galileo Galilei* (2001), e também na obra orquestral *A Luz*.

A lado de nomes como Steve Reich e Michael Nyman, Philip Glass é uma das figuras que mais contribuiu para a afirmação da estética minimalista no domínio da música. Tornou-se conhecido do grande público através do cinema, em filmes como *As Horas* ou *O Ilusionista*. Mas o seu catálogo estende-se à ópera, à música de câmara, à escrita sinfônica orquestral e

até mesmo à publicidade. Iniciou a sua formação musical em Nova Iorque, mas em 1960, com 23 anos de idade, viajou para a Europa onde se deixou influenciar por músicos tão díspares como Brian Eno e Nadia Boulanger, David Bowie e Arvo Pärt. Houve, todavia, uma influência que se revelou particularmente importante, a de Ravi Shankar, que lhe despertou o fascínio pela percepção de tempo característica na música indiana.

O Minimalismo Musical, enquanto técnica de composição e estilo de música, surgiu nos E.U.A. nos anos 1960 a partir de um conjunto de influências dispersas; desde a música setecentista, passando pelo jazz e pelas artes performativas, até às tendências mais experimentalistas da primeira metade do século XX. Tem a curiosidade de ser uma música rendilhada e contrapontística, mas com uma roupagem inequivocamente moderna. Reflete, assim, a recuperação de ideias de um passado que remonta ao período barroco, mas com uma aparente

simplicidade que evoluiu em texturas relativamente estáticas e que se estendem ao longo do tempo. São blocos sonoros constituídos por pequenas células que se acumulam em manchas sonoras e ambientes que evoluem gradualmente sobre mudanças profundas, de modo praticamente impercetível. A obstinação rítmica, vincada pelo efeito da repetição, é umas das suas características mais evidentes.

Philip Glass compôs *A Luz* por ocasião da efeméride do centenário da investigação realizada em 1887 por Albert Michelson e Edward Morley sobre o movimento relativo da matéria, a qual constatou a velocidade uniforme da luz e abriu caminho à fundamentação da teoria da relatividade de Albert Einstein. A partitura, que se enquadra na descrição do parágrafo anterior, expõe uma dramatização do percurso que conduz o ouvinte desde o desconhecido até à exaltação da descoberta.



© David Rodrigues

JEAN-MARC BURFIN

MAESTRO TITULAR DA ORQUESTRA
ACADÉMICA METROPOLITANA

Entra em 1983 para o Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, onde obtém, em junho de 1987 e por unanimidade do júri, o 1.º prémio de Direção de Orquestra na classe de Jean-Sébastien Béreau depois de ter feito os seus estudos nos Conservatórios de Nancy, Metz, Strasbourg e Reims.

Durante as masterclasses que frequenta, é encorajado pelos seus mestres Franco Ferrara, Charles Bruck, Pierre Boulez e Vitaly Kataev. Diplomado pela Academia de verão do Mozarteum, em Salzburg, é convidado para dirigir a Orquestra do M.I.T. de Boston em 1984, ao lado de Lorin Maazel.

Na sequência de um seminário internacional em Fontainebleau, é notado por Leonard Bernstein e em julho de 1987 convidado para dirigir a Orquestra de Paris.

Em 1990/1991 recebe uma bolsa franco-soviética para aperfeiçoamento dos seus conhecimentos do repertório russo com Alexandre Dmitriev, no Conservatório Rimski-Korsakov de São Petersburgo.

No Concurso Internacional de Jovens Diretores de Orquestra de Besançon em 1991 foi finalista laureado, e recebeu um prémio especial da Orquestra da Rádio-Televisão de Moscovo através do seu Diretor Vladimir Fedosseiev.

Jean-Marc Burfin dirigiu várias

orquestras, tanto em França como no estrangeiro (Colonne, Lamoureux, Pays de la Loire, Poitou-Charentes, Picardie, Potsdam Philharmonie, Württembergische Philharmonie, Sinfónica de Oviedo, entre outras). Foi Diretor Artístico da Orquestra Metropolitana de Lisboa durante a temporada de 2003/2004.

Gravou um CD na editora Naxos, consagrado à obra de Vincent d'Indy.

Pedagogo reconhecido, é um dos raros maestros em atividade a ensinar direção de orquestra.

Atualmente é professor na Academia Nacional Superior de Orquestra e Maestro Titular da Orquestra Académica Metropolitana.

ORQUESTRA ACADÉMICA METROPOLITANA

A OAM estreou-se em 1993, na sequência da criação da Academia Nacional Superior de Orquestra – uma instituição única no país, destinada a formar músicos profissionais nas áreas de Instrumento e Direção de Orquestra. Desde o seu início, a OAM é orientada por Jean-Marc Burfin, seu maestro titular. Constituída inicialmente por menos de trinta elementos, a OAM é hoje uma formação sinfónica englobando cerca de 70 músicos. Com uma temporada que se estende ao longo de cada ano letivo, a OAM mantém uma atividade regular de ensaios e concertos, apresentando-se não só

na Área Metropolitana de Lisboa como também noutras localidades do país.

Com largas centenas de concertos realizados, abarcando um repertório que vai do Barroco à música do século XX, a OAM tem executado obras de compositores tão representativos como Bach, Haydn, Mozart, Beethoven, Brahms, Schubert, Mendelssohn, Mahler, Ravel, Debussy, Milhaud, Bartók, Hindemith, Stravinsky e Varèse, entre outros.

Para além do seu maestro titular, a OAM é habitualmente dirigida pelos alunos do Curso Superior de Direção de Orquestra. Muitos dos concertos contam com a presença de maestros convidados, tais como Jean-Sébastien Béreau, Pascal Rophé, Robert Delcroix e Brian Schembri. A OAM possibilita ainda aos alunos da Academia a apresentação regular a solo com orquestra. Teve, ainda, o privilégio de tocar com vários solistas de renome como António Rosado, Gerardo Ribeiro, Paulo Gaio Lima, Liliane Bizineche, Francine Romain, Miguel Borges Coelho, Artur Pizarro, François Leleux e, num concerto humorístico, o quarteto italiano Banda Osiris.

Entre as suas deslocações, a OAM participou no Porto 2001 Capital da Cultura, num encontro internacional de orquestras de jovens onde tocou o *War Requiem* de Britten. Fez várias digressões pelos Açores e esteve no VII Ciclo Internacional de Orquestras Universitárias, em Saragoça, e subiu ao palco do Théâtre de la Monnaie, em Bruxelas. Na presente temporada tem agendados cinco programas diferentes, participando ainda nos concertos da Orquestra Sinfónica Metropolitana, nomeadamente nos Dias da Música em Belém.

A Academia Nacional Superior de Orquestra é uma instituição única no país, pela forma como interliga a formação com a prática musical. Especificamente destinada a preparar músicos profissionais nas áreas de Instrumento e Direção de Orquestra, o ensino aqui ministrado baseia-se num acompanhamento individual especializado, na prática de música de câmara e numa componente teórica complementar, sendo a Orquestra Académica Metropolitana o eixo central da formação destes jovens músicos. Os resultados pedagógicos são bem evidentes pelo número de alunos premiados em concursos de renome, pelas admissões dos estudantes aqui formados nas melhores escolas internacionais e pela alta taxa de empregabilidade destes jovens quando chegam ao mercado de trabalho.



© David Rodrigues

FLAUTAS
RITA VALENTE
MAFALDA PACHECO
MARIANA COELHO
ERICK LOPEZ
RAQUEL VARELA

OBOÉS
NAZARÉ LEITE
JOÃO BALEGAS
PEDRO CAPELÃO

CLARINETES
MARTIM SANTA RITA
FRANCISCA ROCHA
JOANA NEVES
LUÍS MELO

FAGOTES
ANTÓNIO ANDRADE
ERLINE MOREIRA
SARA MAIA

TROMPAS
LILIANA MARQUES
LUCIA MARQUES
HELENA GABRIEL
CAROLINA MORTE

TROMPETES
DUARTE ANJO
SÉRGIO CABRAL
SARA ANTUNES

TÍMPANOS
MARCELO RICARDO

PERCUSSÃO
RODRIGO AZEVEDO
VICENTE SIMÃO
BEATRIZ SOUSA

HARPA
EMANUELA NICOLI *

PIANO
ANA FERREIRINHO

1.ºS VIOLINOS
JACQUELINE MONTEIRO
MIGUEL FERREIRA
MARIANA SANTOS
INÉS CARMONA
INÉS FERREIRA
CLARA RAMOS
XAVIER PEREIRA
MARIA INÉS SILVA
ANDRÉ LEAL
LUÍS SANTOS

2.ºS VIOLINOS
INÉS MARTINS
BEATRIZ FERREIRA
BEATRIZ TOMÁS
LEONARDO GUEDES
MAFALDA CLEMENTE
INÉS MARQUES
SÓNIA FIGUEIREDO
LUÍS RICARDO
CRISTIANA HERCULANO

VIOLAS
EDNEY FÉLIX
PEDRO PIRES
ANA RUSSO
SIMÃO MASON
FRANCISCA BONACHO
BERNARDO SOUSA

VIOLONCELOS
ALESSIO CUNHA
BEATRIZ PERESTRELO
RODRIGO BRITO
GABRIELA LEITE
ANDRÉ CASAL
LÍVIA MENDES
BEATRIZ LOUSAN

CONTRABAIXOS
MARIANA FERNANDES
RENATO ANDRADE
JOÃO PEDRO LOBO

METROPOLITANA

DIRETOR EXECUTIVO António Mega Ferreira
DIRETOR ARTÍSTICO Pedro Amaral
DIRETOR PEDAGÓGICO Nuno Bettencourt Mendes

FUNDADORES



Presidência do Conselho de Ministros - Ministro da Cultura
Ministério da Educação
Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social
Secretaria de Estado do Turismo / Turismo de Portugal, IP
Secretário de Estado da Juventude e do Desporto



PROMOTORES

Câmara Municipal de Caldas da Rainha
Câmara Municipal de Lourinhã
Câmara Municipal de Montijo
Câmara Municipal de Setúbal

PARCEIROS EM 2019

Câmara Municipal de Almada
Câmara Municipal do Barreiro
Câmara Municipal de Loures
Câmara Municipal do Seixal



PARCEIRO DO PROGRAMA "MÚSICA E CIÊNCIA"



PATROCINADOR PRINCIPAL SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa

PATROCINADORES



INSTITUIÇÕES AMIGAS DA METROPOLITANA 2019



PARCERIAS

Antena 2 | São Luiz Teatro Municipal | Universidade Nova de Lisboa | Biblioteca Nacional de Portugal
Cultivarte - Encontro Internacional de Clarinete de Lisboa | CMS Rui Pena & Arnaut
Instituto Superior de Economia e Gestão | Casa Fernando Pessoa
Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva | Secretaria-Geral da Educação e Ciência

www.metropolitana.pt facebook.com/metropolitanax | Travessa da Galé 36, Junqueira - 1349-028 Lisboa | Tel.: +351 213 617 320

Este concerto pode ser filmado e/ou fotografado pela organização. Caso não autorize o registo da sua imagem contacte o Relações Públicas da Metropolitana no local.

METROPOLITANA

Sérgio Fontão Maestro do Coro
Entico Onofri Maestro

Obra de
Johann Sebastian Bach
Carl Philipp Emanuel Bach

MIG BILHETES AVENIDA
CCB
LRS LOURES

BACH, PAI E FILHO
CONCERTO DE NATAL
MAGNIFICAT X 2
CORO VOCES CAELESTES | ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

DOMINGO 22 DEZEMBRO - 17H00
GRANDE AUDITÓRIO DO CENTRO CULTURAL DE BELÉM
SÁBADO 21 DEZEMBRO - 21H00
CENTRO CULTURAL E SOCIAL SANTO ANTONIO DOS CAVALEIROS, LOURES